

A EDUCAÇÃO FÍSICA DO CAPS: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO EM GUANAMBI - BA

Physical education of caps: experiences of the stage in Guanambi - BA

Fábio Fernandes Flores¹
Catiélia Santos Silva²
Lilian Anelita dos Santos³
Luiz Humberto Rodrigues Souza⁴

Resumo

Este artigo descreve uma experiência de Estágio do curso de Educação Física da UNEB realizada no CAPS II, tendo como intervenção a cultura corporal com o intuito de estimular e reforçar a sociabilidade. A intervenção teve como base a proposição de Abid e Ferreira (2010), as informações da vivência foram registradas por meio do diário de bordo e a avaliação das aulas pela roda de conversa. No decorrer do estágio, notou-se que as práticas corporais no CAPS contribuem para o pensamento e ação de liberdade de expressão (opinar e sugerir), isso implica em criar novos horizontes para os usuários, pois pressupõe a importância de sua participação nas decisões que envolvem a coletividade. Um dos pontos frágeis foi o professor (a) regente sem formação em EF e um dos positivos foi à alegria dos usuários nas atividades.

Palavras-chave: Educação Física. CAPS. Estágio. Práticas corporais.

Abstract

The objective of this work was to describe the experience of Internship in the Physical Education course at UNEB, held at CAPS II, with the purpose of stimulating and reinforcing sociability. The intervention was based on the proposal of Abid and Ferreira (2010), the information of the experience were recorded through the logbook and the evaluation of the lessons by the talk wheel. During the internship it was noticed that the corporal practices in the CAPS contribute to the thought and action of freedom of expression (to say and to suggest), this implies to create new horizons for the users, since it presupposes the importance of their participation in the decisions that involve the collectivity. One of the weaknesses was the teacher (regent) without training in EF and one of the positive was to the joy of the users in the activities.

keywords: Physical Education. CAPS. Stage. Body practices.

¹ Especialista em Atividade Física, Saúde e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É vinculado ao Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Saúde (GEPEECS/CNPq).

² Licenciada em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia – (UNEB - *Campus XII*), Guanambi, Bahia.

³ Licenciada em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia – (UNEB - *Campus XII*)

⁴ Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Atualmente, é docente da Universidade do Estado da Bahia – (UNEB - *Campus XII*), Guanambi, Bahia

Introdução

No curso de Educação Física (EF) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a partir do 5º semestre, inicia-se o processo de estágio, tendo duas abrangências: a formal e a não formal; cada segmento com quatro componentes curriculares. Os que se referem ao não formal são: Investigação e Reflexão sobre as Ações Pedagógicas na Educação Física Não Formal I (Estágio II), que ocorre no quinto semestre na perspectiva de caracterização; Investigação e Reflexão sobre ações Pedagógicas na Educação Física Não Formal II (Estágio IV), que ocorre no sexto semestre na perspectiva de observação; Desenvolvimento de Ações Pedagógicas na Educação Física Não Formal I (Estágio VI) e Desenvolvimento de Ações Pedagógicas na Educação Física Não Formal II (Estágio VIII), que ocorrem no sétimo e oitavo semestres, respectivamente, ambos na perspectiva de intervenção.

De forma complementar e elencando possibilidades para o estágio, o Projeto pedagógico⁵ do curso de Educação Física – UNEB - *Campus XII* indica que ele pode ser desenvolvido em espaços educativos como clubes, academias, escolinhas esportivas, associações culturais e artísticas, centros de convivência, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Associação de bairros, Instituições de saúde dentre outras.

O interesse pela intervenção ocorreu a partir da observação (etapa do estágio) no CAPS de Guanambi (Bahia). Neste processo foi vislumbrada a ideia de contribuição na instituição, cuja finalidade principal é a reinserção social, isto mediante ao uso das ações interventivas do Professor de Educação Física (PEF) pautadas nas vivências da cultura corporal: danças, ginásticas, jogos e brincadeiras. Tal etapa tem uma importância dupla: para os usuários, ao terem vivências distintas que direcionaram para uma maior sociabilidade, tanto micro (interna – no CAPS), quanto macro (externa – fora do CAPS); e para as estagiárias, por contribuir na formação acadêmica, profissional e humana.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2004), descreve o CAPS ou Núcleo de Atenção Psicossocial (NAPS) como um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). Ele é um lugar de tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário,

⁵ Disponível em: <https://portal.uneb.br/guanambi/wp-content/uploads/sites/32/2017/02/PROJETO-PEDAG%C3%93GICO-3.pdf>

personalizado e promotor de vida. O objetivo dos centros é oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. É um serviço de atendimento de saúde mental criado para ser substitutivo às internações em hospitais psiquiátricos.

Não há somente um tipo de CAPS, dois fatores os diferenciam: quanto ao tamanho do equipamento, estrutura física, profissionais e diversidade nas atividades terapêuticas; e quanto à especificidade da demanda, para crianças e adolescentes, usuários de álcool e outras drogas ou para transtornos psicóticos e neuróticos graves.

Os diferentes tipos de CAPS são: CAPS I e CAPS II: são CAPS para atendimento diário de adultos, em sua população de abrangência, com transtornos mentais severos e persistentes. CAPS III: são CAPS para atendimento diário e noturno de adultos, durante sete dias da semana, atendendo à população de referência com transtornos mentais severos e persistentes. CAPSi: CAPS para infância e adolescência, para atendimento diário a crianças e adolescentes com transtornos mentais. CAPSad: CAPS para usuários de álcool e drogas, para atendimento diário à população com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, como álcool e outras drogas. Esse tipo de CAPS possui leitos de repouso com a finalidade exclusiva de tratamento de desintoxicação (BRASIL, 2004 p.22).

No que se refere ao quadro patológico e sintomático dos usuários do CAPS II, destaca-se o que era predominante no estágio: bipolaridade, depressão e esquizofrenia; acerca destes três diagnósticos Dalgalarro (2008) faz algumas descrições. O primeiro é uma doença psiquiátrica caracterizada por alternância de períodos de depressão e de hiperexcitabilidade ou mania; a pessoa apresenta modificações na forma de pensar, agir e sentir e vive num ritmo acelerado, assumindo comportamentos extravagantes, compulsivos. O segundo é uma reação natural à perda, aos desafios da vida e à baixa autoestima, às vezes, o sentimento de tristeza se torna intenso, classifica-se como: clássica, distímia (falta de prazer), transtorno bipolar e sazonal. Já o terceiro é uma doença mental que se caracteriza por uma desorganização ampla dos processos mentais; é um quadro complexo apresentando sinais e sintomas na área do pensamento, percepção e emoções, causando prejuízos ocupacionais, na vida de relações interpessoais e familiares.

O movimento é uma palavra muito utilizada para definir aquilo que se faz em nome da EF, e este se mostrou ser pouco presente no CAPS. Compreende-se que essa ação se encontra em brincadeiras, danças, ginástica e jogos, elementos da cultura corporal que

podem despertar as diversas sensações do homem, seus sentimentos e seus prazeres, dentre essas atividades, as construídas historicamente pela humanidade (SOARES *et al.*, 1992).

A presença da EF no CAPS ocorre por ser o “outro profissional necessário ao projeto terapêutico” (Portaria nº336/GM de 2002). No entanto, ela deve “emergir”, não ser “imposta” (WACHS, 2008). O autor supracitado aponta ainda que o PEF nesta instituição com intervenções contextualizadas (em consonância com o propósito do CAPS) mobiliza os modos de dialogar e de interagir na busca por formas de organizar o cuidado em saúde mental, identificadas com a reinserção social, a desinstitucionalização e a humanização. É importante ressaltar que não há uma consonância nos termos usados para tratar do objeto da EF no CAPS, deste modo haverá trabalhos e documento referindo como cultura corporal, atividade física e práticas corporais.

De acordo com a Política Nacional de Promoção de Saúde (BRASIL, 2006), dentre as ações na rede básica de saúde e na comunidade estão: o mapeamento e apoio as ações de práticas corporais/atividades física, existentes nos serviços de atenção básica e na Estratégia de Saúde da Família, e inserção naqueles em que não há ações; e também a oferta de práticas corporais/atividade física como caminhadas, prescrição de exercícios, práticas lúdicas, esportivas e de lazer, na rede básica de saúde, voltadas tanto para a comunidade como um todo quanto para grupos vulneráveis. Para isso, se faz necessário conhecer o cenário da saúde mental, tal panorama é encontrado em Brasil (2013).

A atuação do PEF no CAPS deve contemplar práticas corporais necessárias aos usuários do serviço, além das convencionais atividades esportivas, ginástica e dança, dando conta do cuidar a partir de cada especificidade, já que também compõe uma equipe da saúde mental (ROCHA, 2011 *apud* SILVA *et al.*, 2014). Além disso, as práticas devem funcionar como um recurso inclusivo e cooperativo, desenvolvendo o trabalho em equipe, a socialização, o respeito e a confiança entre eles, o que tende a refletir diretamente no convívio diário destes usuários (SILVA, 2017). Portanto, as ações dos PEF contribuem com a integração dos sujeitos com o meio, valorizando uma visão integral do ser humano e possibilitando o exercício de seus direitos de cidadãos, refletindo diretamente na saúde mental e qualidade de vida destes usuários.

Nos achados da literatura científica foram encontradas informações preponderantes quanto às nuances da ação laboral do PEF: intervir sem a intenção de

treinar as pessoas ou até mesmo de habilitá-las, mas, sim, de servir enquanto suporte para trabalhar por meio dos elementos da cultura corporal (FERREIRA, 2008); propor um trabalho embasado nas práticas corporais no intuito de possibilitar às pessoas um processo de autoconhecimento, compreendendo a sua existência para além das questões orgânicas, educando-as para serem críticas e poderem se relacionar nas esferas coletivas de modo reflexivo e ativo (ABID; FERREIRA, 2010); ministrar os conteúdos de forma pedagógica, e que haja a preocupação de se atuar de acordo com a vigilância em saúde, de modo que os riscos à saúde e a violência sejam minimizados e que o autocuidado seja incentivado (MENEZES 2010 *apud* RABELO, 2016); cuidar no CAPS, muitas vezes, excede a formação inicial dos profissionais, pois realiza atividades sem relação direta com a educação física (WACHS; FRAGA, 2009).

As atividades realizadas nas oficinas de EF como as dinâmicas em grupo, jogos e brincadeiras possibilitam o desenvolvimento de habilidades psicossociais até então defasadas, sendo assim terão a capacidade de favorecer a autocrítica e o autoconhecimento, ou seja, a percepção de seus limites assim como de suas potencialidades favorecendo o desenvolvimento da autonomia de cada indivíduo.

A intencionalidade deste estudo é descrever a experiência de Estágio VI do Curso de EF da UNEB – *Campus XII* realizado no CAPS II, tendo como intervenção a cultura corporal com o intuito de estimular e reforçar a sociabilidade. Estando assim em consonância com um dos objetivos dos CAPS por “[...] promover a inserção social dos usuários através de ações intersetoriais que envolvam educação, trabalho, esporte, cultura e lazer, montando estratégias conjuntas de enfrentamento dos problemas” (BRASIL, 2004, p. 13).

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho é qualitativo, com caráter descritivo, originado através de um relato de experiência vivenciado pelos seus autores. “O relato de experiência é uma ferramenta de pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica” (CAVALCANTE; LIMA, 2012, p.96). De acordo com Lakatos e

Marconi (2011), na pesquisa descritiva, trata-se de um olhar qualitativo que aborda a problemática delineada a partir de métodos descritivos e observacionais, descrevendo aspectos mais profundos.

A intervenção aconteceu no CAPS II do município de Guanambi (BA) e teve como base a proposição de Abid e Ferreira (2010), no sentido de executar ações embasadas nas práticas corporais, utilizando diversos elementos da cultura corporal no intuito de possibilitar às pessoas um processo de autoconhecimento, compreendendo a sua existência para além das questões orgânicas, educando-as para serem críticas e poderem se relacionar nas esferas coletivas de modo reflexivo e ativo. Cabe destacar que no campo da Educação Física, “[...] o termo práticas corporais vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais” (LAZZAROTTI FILHO *et.al* 2010, p. 25); por esta razão será adotado esta nomenclatura no decorrer do trabalho.

As informações da vivência docente foram registradas no decorrer do estágio por meio do diário de bordo. Cañete (2010) o considera uma escrita muito reflexiva que ultrapassa a escrita burocrática; aponta ainda que este instrumento tem a intenção de registrar a prática pedagógica do professor e possibilita (re)pensá-la, deste modo essa escrita pode permitir que o professor se configure como produtor de conhecimentos sobre a prática. De forma complementar, Alves (2004, p.224) aponta que:

O diário pode ser considerado como um registro de experiências pessoais e observações passadas, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar de si mesmo.

Para avaliar as aulas, foi usada a roda de conversa. Segundo Mélló *et al.* (2007) as rodas priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, ainda que contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Deste modo, os usuários possuem a liberdade de contar suas histórias do cotidiano e relatar sobre as intervenções

efetivadas, quais os anseios e expectativas, buscando compreendê-los por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos.

Resultados e Discussão

Inicialmente, ocorreu o período de observação para que fosse entendido as nuances do CAPS. Acerca do assunto, Silva (2003) elenca pontos fundamentais neste processo, dentre eles: descrição da estrutura física e seu entorno (acessórios/ itens extras), tentativa de entendimento do planejamento da aula/atividade, registro das estratégias adotadas, verificação da comunicação verbal (linguagem técnica) e não-verbal se atendem ao entendimento do assunto/conteúdo.

Nesta etapa, identificou-se um costume interno, antes das atividades das oficinas ocorria uma oração, alongamento e relaxamento. Tal ritual foi mantido no estágio, pois entendemos a importância desta rotina que os profissionais tinham nas oficinas com os usuários. O local usado e indicado para as atividades para com os usuários era a sala de artesanato, devido à ventilação, tamanho e piso. Além deste, havia um espaço aberto ao ar livre, com árvores, sem cobertura e chão sem calçamento.

Com o propósito de contemplar um número maior de participantes no estágio e gerar mais satisfação entre os usuários, idealizou-se a intervenção com práticas corporais diversas: ginástica, alongamento, relaxamento com contação de história, brincadeiras (espelho humano, trenzinho, morto vivo, passa-anel e coelho sai da toca), dança (laranja na testa e jornal) e jogo (pré-desportivo – pênalti). A descrição da intervenção seguirá a ordem de acontecimentos do estágio e não por prática corporal.

No início das atividades, uma das usuárias disse que não ia alongar conosco porque não efetuávamos os mesmos movimentos, mesmo com a insistência da professora ela não quis alongar. Embora seja considerada a importância da usuária na atividade, foi respeitada a sua decisão em não fazer parte. Depois do alongamento, pedimos para as usuárias ficarem deitados em decúbito dorsal (somente quem quisesse participar) nos colchonetes e com olhos fechados. Nessa etapa, usamos músicas instrumentais com ritmo lento e volume baixo para propiciar um ambiente tranquilo. De forma individual, foi feito o

alongamento passivo nos músculos posteriores de coxa e tríceps surral (panturrilha) nas pessoas deitadas. Em seguida, pedimos para ficarem em decúbito ventral para assim alongar os quadríceps e região dorsal.

Tal atividade permitiu uma aproximação muito grande com os usuários, mais do que se esperava. Isso foi constatado ao ouvir o relato de uma usuária, que agradeceu por proporcionar aquele momento, pois tocar neles mostrava que todos eram tratados iguais sem nenhum preconceito. Após esta experiência, nas aulas seguintes, sempre aparecia mais gente para participar. A respeito do ocorrido, Abib (2009) *apud* Veit e Rosa (2015) acrescenta que é por meio das práticas corporais que se promove a integração do sujeito com o meio, visando assim à reinserção social desses pacientes na comunidade, uma das contribuições da Educação Física na saúde mental.

A respeito do aumento de pessoas nas aulas é preponderante apontar que no início havia 12 participantes e em determinados momentos o número aumentava para 25. Tendo destaque para a presença e predominância às vezes dos homens, tal fato se deve as atividades realizadas no espaço aberto e do alongamento passivo.

A contação de história com o relaxamento tinha como pretensão o uso da imaginação dos usuários e fazerem participantes do que fora narrado. Esta estratégia produziu concentração e o exercício da criatividade, tal constatação é advinda das expressões que faziam na ocasião, bem como após o término da história.

As brincadeiras “espelho humano” (em duplas) e “trenzinho” (com música) tinham como propósito a exploração das possibilidades corporais de cada um, de modo que entendessem suas dificuldades e facilidades de movimentos. Tal intencionalidade é ratificada por Veit e Rosa (2015), quando aponta que o movimento nos permite conhecer limites, e nossas possibilidades físicas, mas também possibilidades intelectuais.

Posteriormente, foi utilizada a brincadeira “morto vivo” com o intuito de trabalhar os 3 níveis corporais (baixo, médio e alto). No começo, alguns ficavam com receio de participar de nossas aulas, usavam a religião como justificativa ou dores em alguns lugares, todavia tempo depois estavam brincando conosco em outras atividades.

Ao término da aula, um usuário pediu para que na semana seguinte fossem mostrados as fotos e os vídeos deles no ginásio de esporte, onde houve atividades proporcionadas pelas estagiárias e seus colegas de turma num componente curricular. Tal solicitação foi aceita, pois ver e assistir estas cenas reforça a alegria e sociabilidade.

Em relação às atividades com músicas (ginástica aeróbica e danças), houve a parte de vivência e apreciação de vídeo. A primeira possibilitou aos usuários momentos de participação de aulas presentes nas academias de ginástica, tendo aceitação positiva. A segunda fez com que relembassem uma vivência de dança com bambolês ocorrida no *Campus XII*, no qual interagiam com discentes de EF; ocorrendo uma repercussão muito grande, sendo perceptível diante do semblante e expressões faciais, pois riam o tempo todo quando os viam no retroprojeter. O que fora alcançado é apontado por Carvalho (2007, p. 65): “[...] as vivências lúdicas e de organização cultural operam de acordo com a lógica do acolhimento, aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo seus desejos e necessidades”.

As brincadeiras foram presentes mais de uma vez, uma das razões é o estímulo da criatividade. Isso é indicado por Quint *et al* (2005), que recomenda valorizar a prática pedagógica de forma a possibilitar experiências criativas e ricas em significados para as pessoas. Deste modo, houve o uso de duas: “passa o anel” e “coelhinho sai da toca”. Em relação à primeira, sua execução foi empolgante, pois conforme os acertos de onde estava o anel havia mais alegria e a entrada de mais usuários. No que se refere à segunda, o seu dinamismo envolvente estimulou os presentes na sala a participarem, bem como quem estava fora dela.

A dança foi utilizada de maneira desafiadora com duas formas diferentes. Com uma laranja na testa (em dupla) teriam que movimentar sem deixá-la cair no chão. O sorriso e animação foi presente em momentos distintos: diante das diferenças (sincronia, estatura e destreza motora), quando alguma dupla deixava a laranja cair e também ao cumprir o objetivo. A outra foi o uso de jornal embaixo dos pés (individual). O intuito desta era dançar de qualquer jeito sem rasgar o jornal. Este dia foi muito interessante, pois devido à animação os funcionários foram ver o que estava acontecendo e um deles começou a participar também.

O jogo escolhido para a vivência foi o pênalti (futsal), com o objetivo de propiciar tentativas de fazerem o gol, mas sem vencedor. Para isso foi necessário adaptar o local, sendo assim tiramos as mesas e carteiras da sala de artesanato do CAPS e montamos uma mini quadra com cones sendo as traves do gol e uso de várias bolas para cada um, tanto homens quanto mulher, chutar ao gol, tendo uma de nós como goleira. Com este cenário era possível compreender que o esporte pode ser praticado por todos,

independentemente do gênero e diagnósticos clínicos, ampliando assim o entendimento de que a modalidade esportiva pode fazer parte das práticas corporais no CAPS. Neste dia, os usuários não queriam mais largar a bola, quando terminamos a aula pediram para continuar com a bola para brincarem de embaixadinhas e toques.

De modo a ampliar o cenário descrito, não restringindo ao contentamento com a atividade, se faz necessário destacar sobre a estrutura limitada do CAPS, pois não havia um espaço ampliado com cobertura como pátio ou quadra, o ideal para práticas corporais. Nesta linha sobre críticas, Furtado *et al* (2017) apontam para enfrentamentos das precárias condições de trabalho e da reprodução de práticas manicomial nos serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, no mesmo sentido que alguns autores já vêm alertando como um “encapsulamento do CAPS”, podendo induzir a um processo de institucionalização do cuidado e da produção de novas cronicidades, reforçado pelas fragilidades intersetoriais que expressam as dificuldades de construção de uma rede ampliada e integrada de atenção psicossocial.

Cabe apontar ainda mais duas barreiras: trajés dos usuários nas intervenções e material. As vestimentas por vezes limitavam as ações realizadas, que conseqüentemente impedia cada pessoa de explorar sua corporeidade, visto que as mulheres geralmente usavam vestidos e saias, já os homens tinha o costume de estarem com calça jeans. Embora não tenha ocorrido com tanta frequência nas intervenções, era explicado sobre a importância do uso de roupas adequadas e calçados apropriados. Sobre o segundo, a situação foi análoga a de Miranda, Freire e Oliveira (2011) pelo fato de ter pouca condição de trabalho diante da inexpressividade de recursos (colchonetes e bolas) e espaços (amplos, cobertos e arejados), mas tal problemática foi parcialmente sanada com o empréstimo de implementos para educação física pela universidade. Várias vezes tivemos que recorrer a empréstimo de materiais na UNEB a fim de executar o planejamento e levá-los, era bem desgastante pelo fato de irmos caminhando de uma instituição a outra.

O término do estágio se aproximava e, para deixar o momento final ainda melhor, foi perguntado para os usuários o que queriam na festinha de despedida, a maioria optou por refrigerante e cachorro quente. Com isso, o usuário deixa de ser um sujeito “oculto” e passar a ser ativo durante o processo, pois ele é capaz de alterar as ações das atividades de acordo com o seu desejo (RABELO, 2016).

Depois da pergunta sobre a despedida, iríamos iniciar a intervenção, porém não foi possível, porque apareceu uma equipe de comunicação áudio visual para fotografar e filmar os usuários com o intuito de publicizar em uma festa local. Na ocasião, a equipe pediu para que fossem realizadas atividades para com os usuários enquanto estavam sendo filmados. Diante disso, organizamos e eles realizaram uma dramatização de um conto de fadas com um comercial no meio da história, sendo que usaram a criatividade na encenação e encaminhamento do conto. A atuação deles foi uma surpresa positiva, pois a atividade artística no meio lúdico mostrou outras potencialidades.

Apesar de ter sido bem aceita e causar muita alegria, faz-se necessário apontar que se tal atividade cinematográfica fosse avisada com antecedência, haveria a possibilidade de trabalhar mais o potencial de cada usuário no planejamento do roteiro, na organização do cenário e na encenação. Isso implicaria na participação de mais pessoas no processo.

A festividade ao término do estágio teve a presença das estagiárias, corpo profissional e usuários do CAPS. Tendo ainda a participação de outra dupla de estágio VI de EF, pois também encerraria as atividades na mesma semana. Na despedida teve passos típicos de festa junina, todos participaram, até aqueles que diziam que não poderiam por causa da religião. No final, pedimos para que ficassem sentados para participarem da roda de conversa. Neste momento, as pessoas (usuários e o corpo profissional) opinaram sobre os dias do nosso estágio. A cada palavra dita à emoção aumentava, o eixo dos comentários concentrou na alegria: disseram que levamos alegria para aquele local e que estavam tristes porque já tinha acabado.

Houve também o momento inverso, pois nos foi perguntado se gostamos ou se estávamos ali para cumprir com o Estágio. Isso foi muito interessante, porque o que foi trabalhado durante a intervenção teve consequência positiva, esta postura questionadora demonstra querer saber se aquele cenário construído era verdade ou uma ilusão (somente para cumprimento dos estudos). O que fora vivido foi valoroso, pois tivemos muitos ensinamentos: a exemplo de valorizar a humanidade, respeitar e aprender com as diferenças. Quando ouviram isso ficaram bem felizes, o semblante apresentado demonstrava surpresa, talvez pensassem que não seriam capazes de ensinar algo.

No tocante à sensação após a prática corporal, Abib *et al* (2010) fazem uma análise de atividades que se relacionam com a cultura corporal e indicam sobre a sua importância, já que essas práticas estão presentes na comunidade e podem contribuir para o processo

terapêutico dos usuários, se forem significantes para os seus praticantes, ou seja, uma prática que denota sentido. E, por meio das observações, foi possível perceber isso, pois os usuários chegavam para a atividade, muitas vezes tristes e, ao sair dela mostravam felicidade, externando o prazer de fazer o que fora proposto.

No decorrer do processo, foram identificados três pontos que consideramos frágeis: espaço físico, cronograma de ações e professor (a) regente com formação em EF. Em relação ao primeiro, nota-se a necessidade de um local ampliado (arejado e coberto) para as práticas corporais, pois isso permitiria que fossem utilizados mais estratégias e atividades. Quanto ao segundo, inexistência de aviso (com antecedência) para as estagiárias quando os usuários tinham outros compromissos (vacina e participação em filmagem). Acerca do terceiro, foi bem impactante, embora o corpo profissional estivesse sempre aberto para nos ajudar, ter alguém com formação específica (EF) teria possibilidade de ser ainda melhor, pois poderíamos compreender mais: do como fazer, o que fazer, principais dificuldades, potencialidades, experiências exitosas e fundamentos teóricos usados. Este diálogo específico foi restrito ao professor de Estágio VI, que em sua graduação foi monitor de um projeto de extensão com Saúde Mental no mesmo CAPS.

No entanto, há aspectos que motivaram à continuidade do estágio: a recepção do corpo profissional e a acolhida dos usuários. As pessoas que trabalham na instituição nos receberam muito bem, sempre prestativa, sobretudo quem ministrava as oficinas, tal cenário contribui bastante na nossa intervenção. Quanto aos usuários, paulatinamente foram nos conquistando e fizeram nos sentir pessoas especiais em suas vidas; e isso era demonstrado quando dialogavam conosco, perguntando como tinha sido nosso dia, como estávamos e comentando que nossas atividades eram bem legais.

As experiências com o estágio foram edificantes para a formação, não somente para a acadêmica profissional, mais também na humana. Pois o lidar com o aspecto pedagógico e terapêutico com os usuários CAPS possibilitou conhecer e exercer a atividade com humanidade. Somando a intervenção (práticas corporais) mais os estudos foi possível entender o que fora apontado por Abid e Ferreira (2010, p. 17):

O professor e a professora de Educação Física não estão fadados a trabalhar apenas com oficinas que envolvem elementos da cultura corporal e de acordo com os autores supracitados, o professor e a professora acabam agregando novos conhecimentos e práticas neste trabalho, a fim de dar conta daquilo que é o mais importante no cuidado em saúde mental: a demanda do usuário.

Considerações Finais

O estágio foi um momento enriquecedor, pois ultrapassa o aprendizado acadêmico-profissional. A etapa de observação teve um papel fundamental, pois, ao passar por tal processo, tivemos como aumentar nossas possibilidades de êxito com o que fora idealizado. Além de lidar com o objeto da intervenção (práticas corporais) com uma população peculiar (distúrbios psicológicos), foi importante também para a formação humana, pois o conviver com pessoas destas características nos faz refletir acerca das fragilidades pessoais e que atitudes simples com respeito, atenção e alegria implicam num viver melhor.

As práticas corporais no CAPS contribuíram para o pensamento e ação de liberdade de expressão (para falar, opinar e sugerir), isso implica em criar novos horizontes para os usuários, pois pressupõe a importância de sua participação nas decisões que envolvem a coletividade. Além disso, tem como consequência o estímulo a mudança de atitude, pois as atividades somadas com reflexão possibilitam a terem postura crítica no ambiente em que vive (dentro e fora do CAPS). Portanto, o que foi proposto no projeto de estágio foi alcançado, visto que do início ao fim do período as ações priorizaram a coletividade e a satisfação quanto à participação nas intervenções, ou seja, objetivou envolvimento de todos somado com a felicidade, pois entendemos que a emoção positiva contribui de forma expressiva para a adesão e assiduidade nas intervenções.

Diante de nossa compreensão e convivência no CAPS, fazemos algumas proposições: reflexão da direção/coordenação das ações dentro do CAPS, no sentido da direção e/ou coordenação analisar a importância do que está sendo realizado (oficina) e avaliar se o objetivo está sendo alcançado; apoio maior das Instituições do Ensino Superior para com CAPS, não devendo ocorrer somente via estágio e sim com projetos contínuo para atender os usuários (de acordo com suas necessidades); a UNEB relacionar os componentes curriculares da graduação com intervenções nesta instituição, isso implicaria numa compreensão ampliada, pois haveria a concretude do conteúdo; maior divulgação das ações do CAPS para a cidade e endereço mais acessível, isso se mostra importante na

medida em que as pessoas (residentes em Guanambi e nas cidades circunvizinhas) possam saber sobre este tipo de tratamento, como é feito e ainda conhecer.

REFERÊNCIAS

ABIB, Leonardo Trápaga e FERREIRA, Luiz Alberto dos Santos. A cultura corporal no contexto da saúde mental. **Revista Didática Sistemica** (Rio Grande), Rio Grande do Sul, Edição Especial, p.11-23, 2010 Disponível em:

<<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1732>> acesso 24 de maio 2018.

ABIB, Leonardo Trápaga et al. Práticas Corporais em cena na Saúde Mental: Potencialidades de uma oficina de futebol em um Centro de Atenção Psicossocial de Porto Alegre. **Pensar a Prática** (Goiânia), Goiás, v. 13, n. 2, p. 1-15, 2010. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/7934>> acesso 1 jun 2018.

ALVES, Francisco Cordeiro. Diário: um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas. Millenium: **Revista do ISPV** (Instituto politécnico de Viseu), n. 29, p. 222-239. 2004. Disponível em:

<<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/30.pdf>> acesso 17 de maio 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 336, de 19 de Fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. Diário Oficial da União 2002, Brasília, DF. Disponível em:

<http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Portaria_336.pdf>. Acesso em: 1 de jun 2018.

_____. Ministério da Saúde. Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em:

<http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf> Acesso em: 1 de jun 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Portaria nº 687 MS/GM, de 30 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde (Série B. Textos Básicos em Saúde), 2006. Disponível em

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_promocao_saude.pdf> acesso em: 1 de jun 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde (Cadernos de Atenção Básica, n. 34), 2013. Disponível em:

<http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf> Acesso em: 1 de jun 2018.

CAÑETE, Lílian Sipoli Carneiro. **O diário de bordo como instrumento de reflexão crítica da prática do professor**. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Orientador: Prof. Dr. Júlio Emílio Diniz – Pereira.

CARVALHO, Y. M. **Práticas corporais e comunidade: um projeto de Educação Física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa**. In: FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (orgs.) Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal of Nursing Health** (Pelotas), Rio Grande do Sul, n.1, vol 2, p. 94-103, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3447/2832>> acesso em: 17 de maio 2018.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2ed, Dados Eletrônicos, 2008.

FERREIRA, Luiz. Alberto dos Santos. **Re/inserção de portadores de necessidades psíquicas e a circulação nos espaços urbanos**. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física), Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Rio Grande do Sul, Canoas, 2008. Orientador: José Geraldo Soares Damico.

FURTADO, Roberto Pereira *et al* Desinstitucionalizar o cuidado e institucionalizar parcerias: desafios dos profissionais de Educação Física dos CAPS de Goiânia em intervenções no território. **Revista Saúde e Sociedade** (São Paulo) São Paulo, v.26, n.1, p.183-195, 2017 Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902017000100183&script=sci_abstract&lng=pt> acesso em 17 de maio 2018.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 6º ed, 2011.

LAZZAROTTI FILHO *et.al*. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Revista Movimento** (Porto Alegre), Rio Grande do Sul, v.16, n.1, p. 11-29, 2010 Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9000/26882>> acesso em 24 de maio 2018.

QUINT, Fernanda Ouriques *et.al*. Reflexões sobre a inserção da educação física no Programa Saúde da Família. **Revista Motrivivência** (Florianópolis), Santa Catarina, n. 24, p.81-95, 2005. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/729>> acesso em 1 de junho 2018.

MÉLLO, Ricardo Pimentel et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade** (Porto Alegre), Rio Grande do Sul, v.19, n.3, p. 26-32, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a05v19n3.pdf>> acesso em 1 de junho 2018.

MIRANDA Elisângela Domingos; FREIRE, Luana de Almeida; OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caldeira de. Os desafios da Educação Física no Centro de Atenção Psicossocial de Coari (AM). **Saude & Transformação Social** (Florianópolis), Santa Catarina, v.1, n.2, p.163-169, 2011. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/511>> acesso em 17 de maio 2018.

RABELO, Nathália Sousa. **Análise do trabalho do professor de educação física em um Centro de Atenção Psicossocial do tipo II**. 54 f. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiás, Goiânia, 2016 Orientador: Prof Dr. Ricardo Lira de Rezende Neves.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Desenvolvimento do pensamento crítico – criativo e os estágios curriculares na área de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento/ Brazilian Journal of Science and Movement** (Brasília), Brasília, v.11, n3, p.37-44, 2003. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/508/533>> acesso em 17 de maio 2018.

SILVA, Rafael Ramos et al. Educação Física e saúde mental: primeiras aproximações com o CAPSI em Feira de Santana. **Anais do V Congresso Nordeste de Ciências do Esporte** (Guanambi) Bahia, p. 34-40, 2014. Disponível em: <congressos.cbce.org.br/index.php/5conece/uneb/paper/download/6435/3303> acesso em 17 de maio 2018.

SILVA, Tatiane Motta da Costa et al. Reflexões sobre a atuação do profissional de educação física nos centros de atenção psicossocial. **Revista Científica Perspectiva Ciência e Saúde** (Osório), Rio Grande do Sul, v.2, n.2, p.95-106, 2017. Disponível em: <<http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/106/107>> acesso em 17 de maio 2018.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, Autores associados, 1992.

VEIT, Alessandra e ROSA, Leonardo de Ross. Educação Física e a intervenção na Saúde Mental. **Revista Caderno pedagógico** (Lajeado), Rio Grande do Sul, v.12, n.1, p.301-311, 2015. Disponível em: <univates.br/revistas/index.php/cadped/article/download/953/941> acesso em 17 de maio 2018.

WACHS, Felipe. **Educação física e saúde mental: uma prática de cuidado emergente em centros de atenção psicossocial (CAPS)**. 133f Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga.

WACHS, Felipe; FRAGA, Alex Branco. Educação Física em Centros de Atenção Psicossocial. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** (Florianópolis), Santa Catarina, v. 31, n. 1, p.93-107, 2009. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/634/394>>. Acesso em: 01 Jun. 2018.

Artigo recebido em: 23 de setembro de 2018
Aprovado em: 02 de maio de 2019

SOBRE OS AUTORES

Fábio Fernandes Flores é um pesquisador e professor brasileiro. Ele possui experiência com docência na educação básica e ensino superior, atuando principalmente nos seguintes temas: estágio (não formal e não escolar), atividade física e saúde.

Contato: fabioedfgbi@gmail.com
ORCID: 0000-0002-1595-5868

Catiélia Santos Silva é uma professora brasileira.

Contato: caty.ssilva@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-3298-9856

Lilian Anelita dos Santos é uma professora brasileira.

Contato: lilian.santos93@hotmail.com
ORCID: 0000-0002-6955-6467

Luiz Humberto Rodrigues Souza é um pesquisador e professor brasileiro. Ele possui experiência em educação física e saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: envelhecimento, prescrição de exercício para idosos, marcadores da capacidade funcional, risco de quedas em idosos, hipertensão arterial e qualidade de vida.

Contato: luizhrsouza21@yahoo.com.br
ORCID: 0000-0001-9237-3928